

Africanos guineenses: migração para fins estudantis na “Terra da luz” Fortaleza – Ceará¹

Renata Maria Franco Ribeiro²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
souafricadebissau@gmail.com.br

Resumo

O presente trabalho faz parte da análise das trajetórias, sociabilidades, integração e vivências dos/as estudantes guineenses na “Terra da Luz”³, Fortaleza-Ceará. Foi nosso interesse investigar quais mecanismos foram acionados pelos/as estudantes guineenses face ao novo lugar de moradia, como transitaram meio ao enfrentamento ao racismo, a subjetividade do migrante africano e as relações étnico-raciais dos nossos/as interlocutores/as que saíram da Guiné-Bissau para Fortaleza com o objetivo de estudar. O processo migratório África/Guiné-Bissau a Fortaleza/Ceará/Brasil, neste caso se deu com a propaganda desencadeada pelas Faculdades privadas (Fatene) e (Evolução), nos anos de 2008 a 2010. A teoria base para nossa análise, leva em considerações as contribuições de Subuhana (2007), com uma longa trajetória intelectual, no estudo de “Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais”.

Palavras-chave: Imigração estudantil. Integração. Guiné-Bissau. Racismo.

¹ O trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida para obtenção do Título em Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ambiente Escolar. Orientado pelo Prof^o Dr. Ricardino Dumas Teixeira do Curso em Humanidade da UNILAB.

² Graduada em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora da Educação básica na E.M..E.F Professor Júlio Holanda, Guaramiranga-CE. Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

³ O Ceará comemora, no dia 25 de março, a declaração da abolição da escravatura, realizada em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, tornando o estado como a primeira província a decretar, oficialmente, o fim da escravidão no Brasil. Embora a data oficial seja 25 de março de 1884, alguns historiadores consideram que o evento ocorreu no dia 01 de janeiro de 1883, em frente à igreja Matriz, na Vila do Acarape, atual município de Redenção, em um ato marcado pela entrega das cartas de alforria às 116 pessoas escravizadas ali existentes, na presença de José do Patrocínio e de outros abolicionistas. (Portal de notícias da UNILAB).

Introdução

No Brasil ainda há uma grande dificuldade em pensar e reconhecer a cultura que se formou na diáspora (SÁ, 2008, p.190), “desconhecemos ou não reconhecemos o que temos de africano na cultura afro-brasileira”. Não poderia ser diferente, fomos sempre educados a pensar em termos europeus, nossas referenciais olhando para o Norte, ideais eurocêntricos, não se vendo e se reconhecendo. Em geral, mantemos a ilusão de uma nação branca, que não somos e nunca fomos.

Apesar do Brasil e África estar ligada pela história, pela cultura, religião, sobretudo a memória e oralidade a presença do negro no Ceará é “invisibilizada” em decorrência de uma falsa memória coletiva do pensamento da democracia racial (MUNANGA, 2004, p. 37), do pensamento do branqueamento, da mestiçagem como apagamento de onde viemos e quem somos.

Portanto, a realidade encontrada em Fortaleza/Ceará pelos/as imigrantes estudantes foi bastante diferente daquela imaginada que saíram da Guiné-Bissau, motivados pela propaganda de obtenção de um Diploma de Ensino Superior pelas Faculdades (Fatene) e (Evolução) em Fortaleza/Ce. Hoje a diáspora⁴ africana para o Brasil se dá por muitos motivos sobretudo estudantis, no caso dos/as nossos/as interlocutores/as.

Há que considerar que milhões de anos (aproximadamente entre 136 milhões e 65 milhões de anos), o Brasil e a África faziam parte de uma única massa continental (RIBELO, 2011). Essa massa continental contínua foi denominada de Pangeia, que foi traduzido do grego para o português por “toda a terra”.

A antiga ponte geográfica, hoje separada pelo Oceano Atlântico, deixou marcas na formação do Brasil. A presença africana no ciclo do açúcar, de café e do ouro, em meados do século XVI e início do século XVIII, além de gerar riquezas substanciais para o desenvolvimento econômico do Brasil colonial e pós-colonial, juntou índios, portugueses, emigrantes asiáticos, judeus e árabes, de diversas origens culturas, num único espaço de encontro e manifestações civilizacionais no processo de produção e reprodução das relações entre o Brasil e a África, a Europa e a Ásia.

Todavia, são poucas informações que dispomos sobre esses dois continentes, marcados por uma longa história comum, já apontada. A

⁴A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afro-descendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a idéia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida.

construção da África, pela mídia brasileira e mundial, aprofunda o desconhecimento de suas muitas realidades. As imagens, infelizmente, limitam-se ao estereótipo, ao exótico, pendendo para o nativismo e para a “invenção do mito de um mundo africano” (APPIAH, 1997, p. 111). Da mesma forma, o que se observa, atualmente, em vários países africanos, particularmente os da língua oficial portuguesa, é uma imagem distorcida da realidade brasileira, propagada também pela mídia, e que faz com que o Brasil seja pouco conhecido no plano do “mundo da vida” e da “realidade social”.

Foi nosso interesse entender como nossos/as interlocutores/as interagem, nesse cenário acadêmico, com a falta de apoio sócio pedagógico e o desconhecimento sobre a África em Fortaleza/Ceará, suas inserções culturais, nos espaços sociais para construção de novas relações e possibilidades de integração na chamada “terra da luz”. Demos atenção sobre o processo de acolhimento, quando chegaram a Fortaleza. Focalizamos estratégias e perspectivas de retorno para o país de origem, após a formação.

Caminhos da pesquisa

Neste trabalho, a metodologia empregada consiste principalmente em procedimentos adotados na pesquisa qualitativa em Humanidades, utilizando recursos metodológicos combinados, quais sejam: a prática da etnografia, no âmbito da disciplina antropológica a partir da convivência da pesquisadora junto aos estudantes guineenses. Para tanto, utilizou-se também a entrevista semiestruturada com os/as estudantes guineenses em Fortaleza, a fim de captar suas percepções e suas trajetórias acadêmicas, inserção social e o racismo em Fortaleza.

Nesse cenário entrevistamos em torno de 40 estudantes, sendo na sua maioria mais homens do que mulheres, com idade entre 20 e 37 anos. As entrevistas foram realizadas em dois períodos: de agosto de 2011 a junho de 2014 e de maio de 2015 a Março de 2016, contudo faremos análise neste trabalho de duas entrevistas.

A pesquisa etnográfica consiste no exercício do olhar e do escutar que coloca a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se colocar no interior do fenômeno por ela observada (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000). No caso da nossa pesquisa buscamos entender as trajetórias e permanências de estudantes guineenses em Fortaleza /CE, segundo suas visões.

Foi a partir dessa percepção, baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que traçamos nossos objetivos da pesquisa e análise, a fim de compreender os sentidos que os estudantes atribuem suas trajetórias acadêmicas.

Desenvolvimento da pesquisa

O contexto da nossa pesquisa coloca as trajetórias dos/as estudantes guineenses em Fortaleza, reforçada pelo aumento da relação entre o Brasil e os países africanos que tem o português como a língua oficial de comunicação. Os/as africanos/as presentes em Fortaleza, hoje, vieram ao Brasil por diversos

motivos: procura da proteção do Estado brasileiro, trabalho, refúgio, estudo nas universidades brasileiras privadas, alguns no quadro de Cooperação Sul-Sul⁵.

O esforço do governo Luiz Inácio Lula da Silva, nos anos de 2003 a 2011, em defesa da Cooperação Sul/ Sul, refletiu-se em diversos arranjos nos quais o Brasil passou a participar a partir de 2003 (sendo os principais o grupo BRICS, que congrega Rússia, Índia, China e África do Sul; o Fórum de Diálogo Brasil, Índia e África do Sul, IBAS; a Iniciativa América do Sul-África, ASAS; a Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa, CPLP)⁶; entre outros fóruns multilaterais criados ou ampliados com vista a estabelecer parcerias e conectar experiências numa estratégia conjunta e salutar de “cooperação solidária” multicultural.

Visentini (2007) afirma que a aproximação com o continente africano tem se mostrado como um desdobramento importante da política externa brasileira. No governo Lula, o Brasil começa a tornar-se um exportador de capital e tecnologia.

Os Estados africanos têm se empenhado na promoção do desenvolvimento econômico sustentado por ações políticas próprias: a União Africana (UA), a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), a Comunidade Econômica dos Estados da África Oriental (ECOWAS) e a Nova Aliança para o Desenvolvimento da África (NEPAD) são sinais claros da vontade de superar problemas históricos. E mais, as metas são definidas pelos próprios africanos, que assumem todas as dificuldades inerentes a projetos desse porte. (VISENTINI, 2007).

A migração constitui um elemento permanente na história do homem e é tão antiga quanto à própria humanidade. Estudiosos e pesquisadores das migrações defendem a tese de que a maioria das migrações africanas ocorre dentro do continente. As decisões e as motivações variam de um indivíduo

⁵ Desenvolvimento, de criação ou fortalecimento de laços políticos, econômicos ou culturais, de negociação quanto a um maior protagonismo internacional e ainda como uma fonte de soft power e de credibilidade no cenário global. As modalidades que essa cooperação adota são variadas (cooperação técnica, ajuda humanitária, contribuições a fundos multilaterais, operações de paz, etc.). Além da dimensão bilateral, está ganhando peso a cooperação trilateral, com a parceria entre diversos países do Sul, do Norte (Estados Unidos, Japão, Inglaterra, etc.), e organismos internacionais (Programa Mundial de Alimentos, Organização das Nações Unidas para a Alimentação, entre outros). Dossiê: a cooperação sul-sul do Brasil com a África. Enara Echart Muñoz* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792016000100009> Acessado em 01 de Agosto 2018.

⁶ A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – (CPLP), Brasil, Portugal, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Timor-Leste. É um foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros. Criada em 17 de Julho de 1996, a CPLP goza de personalidade jurídica e é dotada de autonomia financeira. (Portal UNILAB)

para outro. Os destinos migratórios, “para onde migrar” e “quando migrar”, variam amplamente: questões climáticas, étnicas, de trabalho, perseguição política, cerimônias religiosas. Alguns abandonam suas residências, mas não cruzam as fronteiras. (TOLENTINO, 2009).

Em busca da realização do sonho do ensino superior e qualificação profissional, desde o período colonial até os dias de hoje, muitos/as jovens africanos/as, assim como Amílcar Cabral, que inspirou e continua a ser referência para os/as jovens africanos/as estudantes. Amílcar Cabral se formou em Agronomia pela Universidade de Lisboa com o objetivo de contribuir na formação do seu país Guiné-Bissau e contribuir para o desenvolvimento social e econômico da Guiné-Bissau e Cabo Verde, razão de sua luta política.

Segundo Gusmão (2005) Subuhana (2005), o que é possível afirmar é que a imigração desses/as estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento em seus respectivos países de origem, em estreita relação com acordos de cooperação com o Estado brasileiro.

Foi a partir dessa percepção, baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que traçamos nossos objetivos da pesquisa e análise, a fim de compreender os sentidos que os estudantes atribuem suas trajetórias acadêmicas.

A teoria base para nossa análise, leva em considerações as contribuições de Subuhana (2007), com uma longa trajetória intelectual, no estudo de “Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais”. O autor analisou a imigração temporária e evidenciou suas redes de relações: desde o momento de afastamento do ambiente familiar até chegar o país de imigração (Brasil). .

Gomes (2011-2012) e Munanga (2004-2005) discutem sobre as várias faces das práticas racistas, marcadas pelas relações raciais no Brasil que prejudicam a construção de uma sociedade plural, libertária, democrática e igualitária para todos.

Trajetórias dos/as estudantes guineenses

Alguns estudantes guineenses escolheram o Brasil/Ceará como novo lugar de moradia, ainda que temporária, para intercâmbio cultural e educacional, no caso das Faculdades privadas (Fatene) e (Evolução), muitos encontram em Fortaleza como uma grande oportunidade de morar no exterior, no entanto com falsas garantias de acolhimento acadêmico que pudesse facilitar o processo de integração, além de elevados custos com mensalidades e demais despesas.

Foram motivados a vir para Brasil-Ceará por propaganda feita na Capital Bissau, em 2008, por um estudante guineense, então Presidente da Associação de Estudantes Guineenses no Ceará (AEGB-CE), e um brasileiro, diretor da Faculdade da Evolução, um dos idealizadores da propaganda da Faculdade na Guiné-Bissau. Realizaram um processo seletivo que consistia em prova de conhecimentos gerais: Língua Portuguesa, Matemática e Redação,

segundo os entrevistados. A simulação das despesas se deu em torno de 40. Mil francos CFA, moeda corrente na Guiné-Bissau e países da região da África Ocidental. O câmbio varia, em torno de U\$S 100, em despesas com papelada.

O incentivo da família, devido à propaganda das Faculdades privadas, teve um peso na trajetória dos estudantes guineenses e nas escolhas do curso: Enfermagem, Serviço Social ou Tecnologia da Informação. A promessa enganosa, como descreveu um entrevistado, deixa os estudantes em condições de vulnerabilidade perante os empresários cearenses.

De acordo com nosso interlocutor:

Eu fiz o processo seletivo bem depois por incentivo da minha família a propaganda do panfleto com o estudante guineense sendo o garoto propaganda ao lado da possível casa do estudante, que na realidade era um condomínio particular que não tinha nada a ver com as faculdades, era simplesmente o local onde o estudante da propaganda morava. Fizeram o seguinte marketing que tinha um local onde os estudantes moravam, com alimentação, com transporte para a faculdade por um valor bem acessível para muitas famílias, pois é comum nós recebermos incentivo dos nossos familiares da Europa, a moeda é bem superior ao CFA, e cambio feito em dólar também é superior ao real à moeda do Brasil. Tem colegas que ainda tem esse panfleto, mas não era nada disso, quando chegaram aqui não tinha ninguém esperando os estudantes, não tinham onde morar, o custo de vida era alto, foram até a faculdade, à faculdade disse não se responsabilizava por estadia de ninguém, não tinha nada do que falaram e do que se precisa na faculdade particular é pago e é caro. Não escolhemos o curso, é se tiver vaga num determinado curso, então você preenche a vaga, esses cursos oferecidos são cursos tecnólogos Processo Gerenciais, Tecnologia da Informação que com dois anos ou dois anos e meio você se forma, eu já faço quase quatro anos e ainda não consegui me formar, vou conseguir agora no meio do ano porque resolvi cursar mais disciplinas. (Entrevista 1, estudante).

Ao chegar, em Fortaleza, à situação foi outra e desesperadora, como lembra um dos nossos entrevistados, que deixou tudo na Guiné-Bissau: família, amigos, emprego. Ele veio por incentivo da família. Lembra que não estava animado para vir, pois achava sua vida estável, mas todos comentavam que era importante ter um diploma internacional, morar em outro país, outra cultura. Acabou fazendo a prova e veio. Chegando aqui, com U\$S 650 dólares, pensando que daria pra alguma coisa, fez a matrícula, pagou a mensalidade do mês, o aluguel, a alimentação e o transporte. Percebeu que o dinheiro não daria, ia para a faculdade às vezes a pé.

Nas falas, dos entrevistados, é possível perceber a decepção logo ao chegar ao “lugar de acolhimento”, constatando que o acordo firmado, em terras africanas foi descumprido, sem saber que, o curso tecnólogo no Brasil, na maioria das faculdades privadas, dura em média dois anos ou dois anos e meio. Se viram obrigados a cursar 4 anos o mesmo curso, pois as faculdades não liberaram a declaração para mudança do curso em outra instituição, o que

fez com que alguns alunos migrassem para outras faculdades, conseqüentemente, esses alunos ficaram irregulares por não poder renovar seus vistos na Polícia Federal por falta de recursos. Por isso, muitos deles foram desvinculados da Faculdade. Na sua maioria conseguiram renovar a matrícula para outras universidades privadas, no grupo pesquisado em torno de 10 estudantes afirmaram que essa condição.

Os chamados novos “moradores”, africano-guineenses, são detentores de riquezas: culturais, linguísticas, étnicas, religiosas, políticas e sociais. Dominam mais de uma língua, chamada de línguas oficiais (colonizador) e étnicas ou tradicionais (maternas). Muitos já eram formados, desenvolviam alguma atividade no país de origem, como em ONGs, nacionais e internacionais, ou administravam algum bem familiar. Nesse sentido, esses sujeitos são produtores de cultura e práticas sociais.

No meu país, eu cuidava de alguns bens da minha família, recebia alugueis, tinha um emprego, uma vida tranquila. Quando surgiu a oportunidade de estudar no exterior. Todo jovem sonha com um diploma internacional, comigo não foi diferente. Larguei tudo e vim para cá. Aqui eu soube o que é passar dificuldade, o dinheiro que trouxe deu para pouco tempo, a minha família que ajudou, mas as despesas aqui são muitas: faculdade, mensalidade, transporte, xerox, livros. Então você tem que se virar. A faculdade não te dá condições de um estágio remunerado, sou obrigado a me submeter a ter um subemprego, eu não aconselho ninguém vir, por que a realidade é outra (entrevista 2, estudante).

As trajetórias relatam várias dificuldades. No período de renovação do visto de estudante, Visto IV, anualmente, com a declaração de vínculo universitário, exige-se a documentação regularizada (uma declaração). Os estudantes pagam, aproximadamente, R\$ 200,00. Segundo a fala de um estudante, a situação não é diferente na Polícia Federal, quando é necessário renovar o visto de estudante.

Questões sobre a falta de respeito, a violência, preconceitos, abusos e a necessidade de respeitar um cidadão, que paga seus impostos, são também marcas dessas trajetórias.

No trânsito, na busca de interagir com os estudantes africanos para conhecer seus mundos, ainda desconhecidos por mim, os mesmos fazem questão de evidenciar a identidade “africana” dentro do país. No exterior dos seus países, o mesmo ocorre. Segundo Tcham:

Nos períodos após a independência de seus países se dava em maior frequência com a antiga União Soviética. Com o fim da União Soviética em final de 1991, uma forte tensão foi gerada na esfera política e econômica nos países africanos recém-independentes, desencadeando um processo de realinhamento político e ideológico e de necessidade de integração desses países a uma nova e única ordem mundial. (TCHAM, 2012, p.23)

O sonho da independência, da construção da efetiva democracia continua a fazer parte do plano de vida de muitos estudantes, nessa travessia do guineense-estudante em solo brasileiro-cearense. Inspirados nos ideais de Amílcar Cabral líder da luta de libertação de Guiné-Bissau e Cabo-Verde e não

somente desses países, mas lutou pela libertação de outros países africanos, considerado um dos mais brilhantes dirigentes como relata nosso interlocutor, graduado em Administração Hospitalar, com Especialização em Saúde Pública e da Família, atualmente é Presidente da AEGB-EC.

Subuhana destaca (2009, p.124) “migrar com finalidade de estudo em busca da transformação pessoal e familiar é processo do qual não se tem a medida e o domínio”, algumas dificuldades são superadas fora de casa, logo esse processo que coloca em movimento a condição de identidade, contudo o protagonismo, a autonomia, cidadania diante do sujeito como ser individual coletivo e político.

Na perspectiva de retorno o dilema enfrentado por muitos africanos estudantes, se dá nas falas e no semblante dos entrevistados, saudades da família, sonhos em retornar depois de tantos anos “fora de casa” muitos se dedicaram na vida acadêmica são graduados, pós-graduados, teceram conhecimentos no intuito de praticá-los na terra natal, mas na sua maioria a perspectiva é de adiar o retorno e de permanecer no país de formação assim coloca Tcham (2012, p.72). “Surge por razões da precariedade e da fragilidade das estruturas políticas e administrativas em seus países de origem. Este fato acarreta sentimentos de receio de eventuais repressões políticas.”

Sociabilidades e estratégias de integração social

Chegando ao lugar de acolhimento Brasil-Ceará, muitas vezes, se deparam com a solidão, longe de seus familiares, das suas práticas religiosas, sua alimentação, seus costumes. No entanto, o que pensavam que seria uma facilidade, a língua falada, acaba por ser mais um agravante. Expressões bem diferentes entre o português do Brasil e o português de Portugal, além das trajetórias linguísticas de suas etnias.

No campo educacional e cultural, os grupos como Movimento Pastoral Africano têm promovido ações de valorização à história e cultura africana, promovendo encontros culturais e reivindicatórios na busca de uma melhor integração entre brasileiros, universidades públicas e privadas e africano-estudantes, no Estado do Ceará.

Ações e práticas que fortalecem os laços de amizades, fé e firmamentos da africanidade “fora de casa”.

Figura 01: Símbolo do Movimento Pastoral Africano



Fonte: MPA

O Movimento Pastoral Africano do Estado do Ceará⁷ é uma organização não governamental e sem fins lucrativos, que foi fundado no dia 12 de setembro de 2010, pelos jovens estudantes guineenses. O movimento Pastoral africano foi imprescindível no fortalecimento das relações e integração dos estudantes na superação de algumas dificuldades, lembra Antônio Correia, que chegou em agosto de 2009. Artur chegou ao Ceará no mesmo ano e fez essa ponte entre estudantes e instituições. Os encontros acontecem na Igreja Nossa Senhora das Dores, localizada Praça Otávio Bonfim, no Bairro Farias Brito. Na circunvizinhança, há muitos moradores guineenses.

O movimento desde sua fundação fez parcerias com várias instituições como: Movimento Pastoral do Migrante, Microlins, Faculdade Anhanguera. Durante toda trajetória e história do (MPA) foi privilegiado com a participação de eventos nacionais e internacionais e tem por finalidade:

I-Facilitar a dupla integração Brasil/África, dos africanos sem desconsiderar os seus valores culturais;

II-Operar no sentido de permitir que cada estudante possa realizar com maior amparo e firmeza as suas ambições acadêmicas;

III-Demonstrar aos estudantes africanos a importância do seu retorno à terra natal após o término do curso.

O Movimento Pastoral Africano organizou o evento sob o lema: 1ª Semana Africana de Talentos. Este evento tem como propósito promover os valores da cultura africana no Brasil/CE, por meio da exibição de trajes e penteados africanos, poesia, dança e música. Incentivar a criatividade literária, promover novos talentos e desenvolver as competências de reflexão e de expressão por meio da palavra, favorecendo assim uma educação multicultural e acadêmica aos estudantes africanos no contexto de integração entre a cultura brasileira e africana. O intercâmbio educacional e cultural entre os estudantes residentes em Fortaleza contou a participação dos estudantes da UNILAB, localizada no interior do Ceará, em Redenção.

⁷ O MPA (Movimento Pastoral Africano), durante anos de dedicação, luta pelo bem-estar comum dos estudantes, usando sua simplicidade e Fé em Deus, vem conquistando seus direitos como estudantes estrangeiros no estado do Ceará. Também são convidados a participar de atividades culturais no estado, no fomento e divulgação das culturas africanas, em especial da Guiné-Bissau, país de origem dos estudantes, participam de eventos acadêmicos, com palestras, conferências, tais como: a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), conhecida também como Rio+20, que foi realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012. Aconteceu na cidade brasileira do Rio de Janeiro, cujo objetivo era discutir a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Considerado o maior evento já realizado pelas Nações Unidas, o Rio+20 contou com a participação de chefes de Estados de cento e noventa nações que propuseram mudanças, sobretudo, no modo como estão sendo usados os recursos naturais do planeta.

Considerações Finais

Os/as estudantes guineenses revelaram nas entrevistas e em conversas informais, estarem surpresos/as pelo lugar ocupado pela África no imaginário coletivo-social, assim como ficaram surpresos/as com a realidade encontrada no lugar de acolhimento, citaram que o Brasil também não é o que pensavam “você também mostram outro Brasil”, a África mostrada na mídia é interesse de grupos hegemônicos de que vivem até hoje explorando os recursos naturais, humanos no continente Africano.

Destaca-se na análise das entrevistas, na fala da maioria dos/as entrevistados/as o enfrentamento a discriminação racial, sendo como um dos fatores que mais incomoda os/as estudantes por serem observado/as como não pertencentes a esse lugar de morada.

No entanto, os/as estudantes se organizam nesse enfrentamento unindo-se a órgãos governamentais e não governamentais; procuram morar perto um dos outros, dividindo o mesmo apartamento com outros estudantes, participação nas associações e grupos religiosos, como estratégias de adaptação e sociabilidades.

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. SP, UNESP, 2000. Os diários e suas margens. Brasília, UNB, 2002.

CÓ, J.P.P. Dissertação de Mestrado: Filhos da Independência: etnografando os estudantes Bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza e Natal. UFRN 2011

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MUNANGA, K. Identidade étnica, poder e direitos humanos. *Thot África*, São Paulo, n. 80, p. 19-30, 2004.

MUNANGA, K. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada /[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

TCHAM, I. Caminhos de Formação Acadêmica dos Estudantes Africanos no Mundo e no Brasil: Chegadas, estratégias de Permanência, Sociabilidades, Dilemas e Retornos Possíveis. *Gênero & História (UFPE)*, v. 09, p. 145-167, 2012.

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2. <http://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-13.pdf> Acessado em 01 de agosto 2018.

SUBUHANA, C. Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. 2007

_____. Experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 103-126, jan./abr. 2009.

TOLENTINO, Nancy Curado. 2009. "Migrações, remessas e desenvolvimento: o caso africano". Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS .Workingpapers nº 9/2009

VISENTINI, Paulo, RIBEIRO, Luiz, e PEREIRA, Analúcia. Breve História da África. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

Outras Fontes

<http://www.oplop.uff.br/boletim/1572/episodio-em-faculdades-do-ceara-expoe-precariedade-das-condicoes-de-vida-dos-estudantes-de-guine-bissau-no-brasil>
Acesso 10 de agosto de 2015

<http://site.adital.com.br/site/noticia>. Acesso em 10 de dezembro de 2015

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag> Acesso 10 de dezembro de 2015

<http://www.afreaka.com.br/notas/unilab-universidade-da-integracao-internacional-da-lusofonia-afro-brasileira> Acesso 10 de dezembro de 2015

FRANCISCO, Wagner De Cerqueria E. "Guiné-Bissau "; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php

Acesso em 12 de fevereiro de 2016

www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php Acesso em 14 de abril de 2016

http://www.suapesquisa.com/geografia/populacao_brasileira.htm Acesso em 12 de fevereiro de 2016

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mais+de+3+milhoes+de+brasileiros+vivem+hoje+no+exterior/n1597067659662>. Acesso em 20 de abril de 2016

<http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/03/24/feriado-estadual-de-25-de-marco-lembra-abolicao-dos-escravos-no-ceara/> Acessado em 01 de agosto 2018.